

**Caderno de Resumos**  
**I ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA**  
**(I EBE)**

Universidade de Brasília, 06 a 07 de julho de 2012

\* \* \* \* \*

**O Jornal Nacional e seu Modelo Urbano na Amazônia: uma Análise Ecolinguística**, de Roberto Lestinge – USP: rlestinge@yahoo.com.br

Ao apresentar a série especial de cinco reportagens intitulada ‘Amazônia Urbana’ em julho de 2010, o Jornal Nacional convidava o telespectador a assistir ‘com um olhar diferente...como é a vida de brasileiros que moram em cidades erguidas no meio da floresta’, de acordo com o apresentador. A série, com capítulos de cinco minutos de duração em média, chama a atenção pelo tamanho muito acima do tradicional tempo de um minuto e meio de uma reportagem comum. Escolhemos o capítulo 2 para análise, pois ele se propõe a mostrar os modelos urbanos para quatro cidades, fazendo um comparativo. Isso nos propicia um tema comum entre elas, pois a reportagem se propõe a analisar o ‘impacto desse crescimento sobre a floresta’. Estabelecido o corpus e o modelo apresentado pelo JN, faremos uma Análise Ecolinguística do Discurso, para identificar as ideologias presentes transmitidas pelas estratégias discursivas, metáforas e escolhas lexicais utilizadas para construir o discurso de uma ‘Amazônia Urbana’. Como estamos trabalhando com uma fonte jornalística daremos ‘continuidade’ à reportagem, dialogando em paralelo ao texto original de maneira crítica, realizando um exercício de metalinguagem jornalística, ou seja: uma notícia sendo analisada dentro do escopo e das técnicas de redação jornalística, para que seja possível fazer a sua desconstrução. Como a notícia é construída a partir de uma lógica e uma hierarquia de valores interna (que pode ser verdadeira ou não), é preciso dialogar com essa estrutura para ver quais as respostas que ela oferece às suas próprias assertivas e revelar que vozes estão ali presentes falando o que e para quem. Consideramos que uma notícia nunca é isolada. Ao ser veiculada, ela reflete uma polifonia discursiva que causa uma reação sociocognitiva que será incorporada e reproduzida nos próximos segmentos noticiosos. A mídia de massa tem o poder de falar simultaneamente a milhões de pessoas e com isso colocar em circulação ideologias que refletem o interesse das elites dominantes. A análise e a compreensão dessa ideologias é fundamental para uma posição de resistência consciente.

**Palavras-chave:** Jornal Nacional, Ecolinguística, Estratégias discursivas.

\* \* \* \* \*

**O rei de Espanha foi caçar elefantes. A construção discursiva do evento nos media portugueses**, de Rui Ramos – Universidade do Minho: rramos@ie.uminho.pt

Em 13 de abril passado, o rei de Espanha, D. Juan Carlos, sofreu um acidente durante uma caçada a elefantes, no Botswana, que o obrigou a um regresso urgente e a uma intervenção cirúrgica. Este facto bruto foi transformado em evento mediático pela imprensa portuguesa, que o manteve na esfera pública durante vários dias, conferindo-lhe um determinado contorno, parcialmente determinado por um interdiscurso ambiental que condena fortemente a morte de animais em vias de extinção e promove a sua preservação. Tendo os media, pelo uso da palavra pública, o poder de moldar a percepção que os cidadãos têm dos eventos (Charaudeau, 1997), construindo o real (Halliday, 2001), e sendo o ambientalismo, ou discurso acerca do ambiente, um dos discursos dominantes construídos na esfera pública (Jung, 2001), torna-se academicamente pertinente e socialmente útil desenvolver uma análise atenta ao tratamento mediático de que estes factos foram alvo, ou seja, qual foi a construção mediática sobre o que

aconteceu que foi oferecida à leitura da opinião pública portuguesa. Para o efeito, este estudo recorre aos fundamentos teóricos e princípios metodológicos da Análise do Discurso, procurando identificar aspetos enunciativos (Benveniste, Fonseca, 1998), a construção de frames (Fillmore, 1975; Vilela, 1994) e o reportório interpretativo (Potter & Wetherell, 1987; McKenzie, 2005) de que dão conta as peças jornalísticas publicadas em quatro jornais diários e dois semanários nas suas edições de 15 a 22 de abril de 2012. Em particular, assume-se que os mecanismos enunciativos que dão forma aos textos permitem a identificação dos posicionamentos dos enunciadores face às coisas e seus estados e a explicitação da modalização operada (Bronckart, 2009), nunca neutra, mas operativa na construção dos eventos mediáticos e sua incorporação pela opinião pública.

**Palavras-chave:** ambientalismo, media, D. Juan Carlos

\* \* \* \* \*

**Contribuições da Ecolinguística para a Etnoterminologia da língua Mundurukú (Tupí), de Nathalia M.P. Costa (Mestranda/PPGL/UnB) & Dionei M. Gomes (Prof. Dr./Pesquisador Permanente/PPGL/UnB)**

A *Etnoterminologia* estuda os termos técnicos e científicos encontrados nos discursos de especialidade de uma comunidade indígena, ribeirinha, quilombola e congêneres (Costa & Gomes, 2011). Em cada contexto étnico, haverá diferentes termos, ou melhor *Etnotermos*, dado seu valor cultural variável de acordo com cada comunidade. Por exemplo, a forma como se concebe o termo “alma” na cultura greco-romana, da qual o herdamos, é diferente da forma como ele é concebido na maioria das culturas orientais e indígenas (Cesarino, 2011). Para postular uma *Etnoterminologia* a partir do estudo de comunidades indígenas, ribeirinhas, quilombolas e congêneres, é preciso reconhecer que elas são detentoras de conhecimentos especializados, presentes em um discurso de especialidade. Desde 2009, pesquisamos os *Etnotermos* do rico sistema de cura e cuidado do povo Mundurukú, fazendo entrevistas abertas e semiabertas com pajés e parteiras, que nos apresentam o conhecimento especializado e, para nós, também científico que compõe seu sistema cultural de *Saúde*, fortemente atrelado ao meio ambiente. Além da fundamentação teórica e metodológica dos dois campos que compõem a *Etnoterminologia*, que são a *Etnolinguística* e a *Terminologia*, temos buscado a *Ecolinguística*, posto que ela considera, também, as relações entre língua e meio ambiente, compreendendo a língua como componente de um ecossistema, um produto da relação Território (T) + Povo (P) + Língua (L): “(...) para que haja L, é necessário que exista um P, cujos membros convivem em um determinado T” (COUTO, p. 20, 2007). Como o *Território* é determinante na construção do conhecimento especializado dos pajés, uma vez que é o seu meio de atuação científica, torna-se para nós um componente necessário de análise linguística. Assim, ao analisarmos uma língua e sua *Etnoterminologia*, partimos de uma proposta linguístico-cultural, mas passamos a incluir o viés ecológico da *Ecolinguística*, sobretudo quando se trata de uma pesquisa cujo objeto é o saber médico tradicional de um povo, que envolve necessariamente os recursos naturais oferecidos pelo seu *Território*. Além disso, não há dúvidas de que os *Etnotermos* empregados nessa medicina sofrem influência direta dos recursos disponíveis; assim, perdas ambientais e territoriais implicam perdas linguístico-culturais. Aqui, encontramos uma contribuição da *Ecolinguística*, que também “(...) luta pela preservação das línguas minoritárias e/ou ameaçadas de extinção” (COUTO, 2007, p. 41). O construto *Léxico* da *Ecolinguística* também passa a integrar o nosso construto *Etnotermo*. Por fim, *Etnobotânica*, *Etnozoologia* e *Etnomedicina* são

três outros construtos da *Etnolinguística* que compõem a epistemologia da nossa *Etnoterminologia*.

#### Bibliografia

CESARINO, Pedro de N. **Oniska**: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo: Perspectiva, 2011.

COSTA, Nathalia M. P. & GOMES, Dionei M. **(Etno)terminologia na (etno)medicina Mundurukú**. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín, p. 3412-3423. 2011.

COUTO, Hildo H. do. **Ecolinguística**: estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

\* \* \* \* \*

#### **Um olhar sobre termos “ecológicos” publicados numa revista de educação, Sandra Lestinge - UFPI**

O presente trabalho pretende apresentar e identificar a adequação do uso de termos científicos das áreas da Biologia e Ecologia em reportagens sobre práticas educativas fora do ambiente escolar, também conhecidas como estudos do meio ou atividades extraclasse, veiculadas pela revista impressa “Nova Escola” (específica para a área de Educação). Essas atividades visam utilizar recursos didáticos num “ambiente natural”, fora da sala de aula, como espaço pedagógico, para aprofundamento de conteúdos e conceitos técnicos e científicos. Normalmente são apropriados no contexto da educação ambiental, pela compreensão de que experiências/atividades na natureza são educativas por si e podem contribuir neste contexto de degradação ambiental e necessidade de proximidade a ela, à sua (e nossa) realidade. Portanto, um objetivo comum em programas de educação ambiental é o de aumentar o conhecimento dos indivíduos sobre o ambiente e incentivar atitudes responsáveis; resta saber se a comunicação se dá de forma clara e se contribui para uma formação cidadã, comprometida com a questão ambiental. A necessidade de formação continuada e a busca de melhoria nos repertórios dos educadores são inquestionáveis, seja pelo ritmo acelerado de produção e veiculação das informações na atualidade nas diversas mídias seja pela facilidade com que os mais jovens se apropriam das tecnologias de informação e comunicação. Qual a importância da mídia frente a esses desafios? Ela contribui para uma reflexão mais verdadeira/legítima sobre o nosso papel como educadores e/ou cidadãos? Como a mídia pode potencializar nossas ações e iniciativas utilizando discurso e da linguagem em prol de um meio ambiente ecologicamente equilibrado, socialmente justo e economicamente viável? Realizamos uma pesquisa em um veículo de comunicação com o objetivo de apresentar uma análise crítica dos conceitos apresentados nas reportagens. Com a hipótese de que o veículo de comunicação Nova Escola aborda, em matérias específicas à educação ambiental, conteúdos com clareza e explicitação dos conceitos científicos, valorizando e incentivando esta prática, foram selecionadas 16 matérias entre os anos de 2000 e 2002, consideradas mais representativas. Para a análise do discurso buscou-se nos textos: projeto interdisciplinar, aprendizado, realidade, entorno, preservação, educação ambiental, meio ambiente. De maneira geral, as reportagens corresponderam aos princípios propostos pela editora de apoiar, valorizar e qualificar o professor e a educação; no entanto quando se refere principalmente ao termo “preservação”, ele é confundido com “conservação”, e, portanto, nota-se certo distanciamento dos conceitos cientificamente difundidos.

**Palavras chave:** educação, discurso, preservação ambiental.

\* \* \* \* \*

**Uma Eco-filosofia-Linguística. A relação povo-língua-território na formação do conceito de propriedade**, Samuel de Sousa Silva - UFG: samjungmitos@gmail.com

Nesse trabalho pretendemos demonstrar que a relação de um povo com o seu meio ambiente é fundamental na formação do conceito de propriedade/posse desse povo. Sendo que uma comunidade que mantém uma relação mais direta com seu meio natural tem a tendência de construir uma ideia de propriedade mais fluida, no qual a ideia de “posse coletiva” é mais comum do que a de posse individual. Já em culturas em que essa relação com o meio é mais mediada pela própria cultura ocorre o inverso, e o “meu” é mais preponderante do que o nosso”. Para os fins desse trabalho faremos a análise dos termos linguísticos utilizados para marcar a ideia de posse relativo a plantas, animais e terra em duas culturas distintas, uma representando uma comunidade que mantém uma relação direta com o seu meio, os indígenas Xerente Akwén. E a outra representando toda a nossa cultura ocidental. Nesse caso analisaremos alguns termos da Bíblia Hebraica, tendo como pressuposto que a nossa cultura ocidental tem duas grandes culturas bases, a cultura Judaica-Cristã e a cultura Grega, sendo assim a Bíblia Hebraica representaria uma dessas bases. Para a análise de termos dos Xerente Akwén utilizaremos do trabalho já publicado da professora Silvia Lucia Bigonjal Braggio cujo título é: “Os Xerente Akwén, os animais e as plantas: uma revisita aos inalienáveis com a semântica da gramática”.

**Palavras-chave:** Propriedade – Meio ambiente – Inalienáveis.

\* \* \* \* \*

**A ecologia linguística do contato de línguas nas placas e anúncios populares**, de ALTAIR MARTINS GOMES – UnB: tairj@uol.com.br

Pela linguagem o homem se constitui como sujeito social e se revela como um ser eminentemente cultural. Dada a importância da escrita para as civilizações letradas, necessário é o estudo da interface linguagem falada (oralidade) e linguagem escrita, a fim de percebermos como estas instâncias discursivas se relacionam ou não como práticas interacionais e como a cultura está inserida nessas práticas. Por sua vez, os fenômenos da modalidade oralizada do português do Brasil se mostram presentes nas placas e anúncios populares. Nesse tipo de escrita, a ecologia do contato de línguas se revela nas propriedades fonético-fonológica e morfológica da gramática desses tipos de veículos comunicativos. O objetivo da investigação da pesquisa é a reflexão sobre a gramática do Português do Brasil em suas diversas variações e as hipóteses heurísticas desse tipo de escrita. Nessa exposição, busco os paradigmas sociolingüísticos para a análise da variedade dialetal do Português do Brasil e sua heterogeneidade lingüística; trato de questões de variação subjacentes à oralidade e à escrita e discuto as contribuições da disciplina para a educação, sem o viés da norma padrão. A eleição do estudo lingüístico do contato pela variação lingüística traz alguns aspectos relevantes para as estratégias discursivas, componente essencial dos recursos socioculturais disponíveis ao falante no processo interativo. Isso quer dizer, que a habilidade de utilizar variantes lingüísticas, de transitar de um código ou estilo para outro, de selecionar variantes fonéticas e padrões prosódicos apropriados fazem parte da competência comunicativa que os falantes elaboram de acordo com as diversas apropriações que fazem dos códigos lingüísticos.

**Palavras-chave:** variação; contato de línguas; oralidade

\* \* \* \* \*

**O sistema linguístico como sistema ecológico: um estudo da gramática Tetun (Timor-Leste)**, de Davi Borges de Albuquerque – UnB

A presente comunicação tem o objetivo de apontar elementos ecológicos e não ecológicos no sistema linguístico, considerado aqui como a gramática, no Tetun Prasa. A língua Tetun, dividida em duas variedades principais, a saber: o Tetun Prasa e o Tetun Terik, é uma língua de origem austronésia, a variedade Tetun Prasa possui o status de língua franca, e é língua oficial da República Democrática de Timor-Leste, juntamente com a língua portuguesa. Na teoria ecolinguística vem se discutindo até que ponto o meio ambiente influencia na formação de certos elementos do sistema linguístico. Assim, neste trabalho, primeiramente, será analisada uma série de elementos do sistema linguístico do Tetun que são considerados não ecológicos, como: a separação agente-paciente; a categorização de processos naturais como processos ou coisas; os contrastes, geralmente expressos pela classe dos nomes; causalidade, que pressupõe superioridade; o surgimento de palavras e expressões temporais; o sistema tempo-aspecto-modo; os sistemas pronominais, principalmente pronomes pessoais e pronomes possessivos; separações léxico-semânticas entre processos [+ humano] e [+ animado] dos processos [- humano] e [- animado]. Posteriormente, serão descritos os processos de mudança linguística que desenvolveram os sistemas ecológicos e não ecológicos da língua, argumentando que o meio ambiente teve um fator central nesse desenvolvimento, considerado aqui como uma adaptação linguística às modificações ocorridas no ecossistema.

\* \* \* \* \*

**O preconceito linguístico e a Ecolinguística crítica: entre o fazer e o dito**, de Lais Carolina Machado e Silva - UFG

O preconceito na linguagem pode se manifestar de diferentes formas, e ele por vezes, pode ser praticado até mesmo por pessoas que se dizem liberais, e que nunca tiveram a intenção de cometer esse tipo de preconceito. O preconceito surge da não-aceitação do novo, do diferente. As variações linguísticas muitas vezes são consideradas erradas, quando na verdade, o que se deveria explicar para essas pessoas preconceituosas, é que não existe fala errada, existe sim falas adequadas para cada situação, e cabe à essa adequar-se ou não às situações a que está exposta. A ecolinguística crítica, segundo Couto, valoriza a diversidade no seio da sociedade e é a mais praticada pelos ecolinguistas, é uma crítica à linguagem pretensamente ecológica de algumas instituições. Atualmente é comum vermos discursos, ecologicamente corretos, de grandes indústrias que se dizem preocupadas com o meio ambiente, mas que na verdade mantêm atitudes que o prejudicam, mesmo que de modo menos visível. Na maioria das vezes os discursos dessas empresas apenas são voltados para o pouco de bom que elas fazem, deixando de expor o grande mal que estão causando, tendo como grande objetivo apenas o lucro. A linguagem depois de formada adquire certa autonomia, permitindo que os falantes falem não somente do mundo real, mas também do mundo irreal. A linguagem, portanto apresenta-se como um instrumento poderoso, podendo dar às pessoas desonestas a oportunidade de enganar os menos instruídos.

**Palavras-chaves:** Preconceito linguístico. Ecolinguística Crítica. Variação linguística.

\* \* \* \* \*

**Importância das línguas indígenas em estudos etnobiológicos: o caso do México**, de Rafael “Tezka” Serrano González, Universidad Nacional Autónoma de México, UNAM.

Este trabajo expondrá la importancia de conocer y estudiar las lenguas originales para de hacer trabajos multi, inter y transdisciplinarios, principalmente etnobiológicos y elementalmente entre pueblos indígenas de México. Argumentando la necesidad de proteger y rescatar las lenguas autóctonas de todos los pueblos, por medio de estudios lingüísticos, etnobiológicos, históricos, sociológicos, etc. Esto principalmente es debido a que el lenguaje es una de las expresiones culturales que conglomeran la cosmovisión de cada pueblo. Las lenguas maternas de los pueblos indígenas son un cúmulo de conocimiento por eso es importante su reconocimiento, valorización y defensa desde diversos frentes siendo las ciencias biológicas y en particular las etnociencias uno de los frentes más importantes por su metodología y su carácter holístico. Consideramos que más allá de tener traductores locales debemos, adentrarnos al estudio etnobiológico siempre acompañado de un estudio lingüístico. Conocer a profundidad las lenguas maternas nos ayudará a mantener los vínculos sociales y a entablar el dialogo de saberes entre la ciencia y los conocimientos tradicionales para contribuir a tener una sociedad más incluyente, menos prejuiciosa, más respetuosa de la multiculturalidad, la cual coadyuvará al desarrollo de los pueblos y por consecuencia de las naciones, particularmente de los Estados Unidos Mexicanos. Palabras-clave: Etnobiología. Lenguas indígenas. México.

\* \* \* \* \*

**DO ECOLOGISMO À ECOLOGIA HUMANA**, de Denize Elena Garcia da Silva – UnB: denizelena@gmail.com

O propósito da apresentação é contribuir para uma reflexão crítica com base em estudos voltados para o policiamento de formas de atividades humanas. Para tanto, procura-se traçar um paralelo entre ecologismo, enquanto movimento histórico de natureza ambientalista, surgido como reação ao crescimento econômico, e o que se pode caracterizar como ecologia humana, cujo objeto de estudo é a relação do homem com seu ambiente natural (Alier, 2007). Buscar-se-á discutir a condição humana desde o mundo interior das relações abstratas (ser), passando pelo mundo físico (ações materiais) das práticas sociais (convivência, mudanças no âmbito da coletividade) até chegar ao mundo da consciência (sentidos como visão e condutas de comportamento, como ética) pela necessidade de preservação da vida, o que inclui o entorno. desde uma perspectiva funcional da linguagem, trata-se de um enfoque voltado para discursos socialmente válidos. Conforme o que se reconhece como etnografia crítica, linha que baliza o percurso do estudo proposto, os resultados alcançados significam uma contribuição na medida em que o que for apresentado, mais que reflexão, servir para incentivar práticas sociais transformadoras em termos de benefício(s) a uma nova ordem social.

### **Referência bibliográfica**

Alier, J.M. O ecologismo dos pobres: conflitos ambientais e linguagens de valoração, trad. M. Walderman. São Paulo: Contexto, 2007.

**Etnoecologia Linguística, ou etnoecolinguística, ou ecoetnolinguística? Aspectos terminológicos dos estudos sobre língua e meio ambiente**, de Darto Vicente da Silva (UnB)

O presente estudo tem por objetivo identificar e categorizar três termos – etnoecologia linguística, etnoecolinguística e ecoetnolinguística – na linguagem especializada do meio ambiente. A socioterminologia é a disciplina que pesquisa a variação linguística das unidades terminológicas complexas (UTCs) no meio social como mecanismo resultante da pragmática discursiva; desse modo, a socioterminologia ocupa-se da nomenclatura ou do discurso científico

e técnico, e ao se ocupar do fenômeno da variação linguística do termo, pressupõe uma forma padrão para o fenômeno da variação, sendo ela estabelecida no momento da denominação, e vindo sofrer variação nos distintos níveis de comunicação; por fim, a socioterminologia afirma ainda que os termos devem ser descritos observando as variantes de uso no discurso escrito e oral, e que os postulados básicos devem dar sustentação à descrição das UTCs, visto que possibilitam categorizar as variantes em concorrentes, co-ocorrentes e competitivas. Posto assim, demonstraremos em nosso estudo que a linguagem especializada que trata da língua e do meio ambiente está em conformidade com os postulados da socioterminologia.

\* \* \* \* \*

**O português falado na fronteira Brasil-Uruguai**, de Cíntia da Silva Pacheco – Universidade de Brasília: cintialetras@yahoo.com.br

Este trabalho contempla a variedade do português que se fala em uma comunidade fronteiriça denominada Aceguá, localizada na fronteira Brasil-Uruguai, que fica a 60 km de Bagé (Brasil) e Melo (Uruguai), e a 440 km de Porto Alegre e Montevideú. Aceguá é uma única comunidade homônima dividida ao meio por uma linha imaginária, já que a delimitação é estritamente política e não há nenhum acidente geográfico. A parte brasileira é emancipada de Bagé, desde 1995, e dividida em três distritos: Distrito de Rio Negro, Distrito de Colônia Nova e Distrito do Minuano. A parte uruguaia pertence ao departamento de Cerro Largo, que tem como capital Melo. O objetivo do trabalho é fazer uma análise preliminar do contexto histórico e sociolinguístico da região, além de contribuir para a discussão sobre a natureza do contato entre o espanhol e o português na região, já que o português falado nessa comunidade ainda não foi investigado. Em seguida, analiso o fenômeno linguístico variável da alternância entre “nós” e “a gente” em contextos de primeira pessoa do plural (Então, a gente sempre viveu mais ou menos por aqui né.) (Nós joguemo fora). À luz da Teoria da Variação e da Mudança Linguística, foram codificadas 24 entrevistas, realizadas em 2009 e 2011, com as variáveis sociais de faixa etária, sexo e nacionalidade do colaborador; e as variáveis linguísticas de preenchimento do sujeito, função sintática, tipo de referência, tempo verbal, concordância, paralelismo sintático. Para Elizaincín, Behares e Barrios (1987, p. 81), o uso de “a gente” do lado uruguaio não tem o mesmo significado do português brasileiro, porque conserva o sentido impessoal, diferenciando-se da primeira pessoa do plural, além do seu uso não ser sistemático e regular. No entanto, no português uruguaio de Aceguá encontra-se esse uso de “a gente”, com a mesma funcionalidade do português brasileiro. Talvez a entrada do “a gente” nessa comunidade tenha sido mais recente, já que a obra referida é da década de 80. No caso desses exemplos, uma hipótese possível é a de que a variação pronominal “nós” e “a gente” pode ser consequência direta do contato entre o português e o espanhol, uma vez que no espanhol só existe o pronome *nosotros*, utilizado como primeira pessoa do plural, e a expressão impessoal *la gente*, utilizada como terceira pessoa.

Palavras-chave: Línguas em contato. Variação linguística. Português fronteiriço

\* \* \* \* \*

**Análise etnossemântica dos nomes comuns de abelhas e vespas (Insecta, Hymenoptera) de importância cultural para os índios Pankararé da Aldeia Brejo dos Burgos, Bahia**, de Eraldo Medeiros Costa Neto (Prof. Dr./Pesquisador da UEFS): eraldont@hotmail.com

O estudo focaliza a etnotaxonomia e importância de abelhas e vespas sociais para os índios Pankararé da aldeia Brejo dos Burgos, município de Glória, região semiárida do Nordeste do

estado da Bahia. Os dados foram obtidos seguindo-se metodologia etnociência, mediante entrevistas abertas e semiestruturadas com indígenas e especialistas no manejo local com abelhas com (*Apis mellifera scutellata*) e sem ferrão (*Melipona*). Um total de 23 etnoespécies foi registrado e o lexema “abeia” é semanticamente usado para se referir a vespas e abelhas que produzem e estocam mel. Esse grupo diferencia-se dos demais insetos porque possuem significados múltiplos, especialmente devido ao seu valor mágico-medicinal. Considerando aspectos etnotaxonômicos, as “abeias” são categorizadas em dois grupos: abeias mansas e abeias brabas. Esse conjunto de insetos é ainda classificado em três etnofamílias ou “linhas” dependendo da posse e retenção do ferrão. Onze “abeias” são fontes de produtos utilizados na medicina popular, sendo o mel silvestre a principal matéria-prima usada no tratamento das enfermidades e também como alimento. O mel é uma importante fonte de insumos para os indígenas mediante a venda nas feiras locais. Observa-se que o grupo das “abeias” desempenha um papel significativo na cultura dos Pankararé. Daí a importância de conservar as espécies de abelhas e vespas da região.

**Palavras-chave:** Etnomeliponicultura, Hymenoptera social, Etnoentomologia.

\* \* \* \* \*

### **Multilinguismo, Língua Padrão, Dialeto e Linguagens Especiais: Reflexões sobre as ecologias linguísticas complexas,** de Ludmila Pereira de Almeida-UFG

Tendo como base, que um ecossistema linguístico funciona de acordo com o tripé da Ecologia fundamental da língua (EFL), abordaremos neste trabalho, algumas reflexões sobre o que acontece quando diferentes EFLs se interagem formando as ecologias linguísticas complexas que se refletem na língua, formando o multilinguismo, os dialetos, jargões, gírias e a própria língua dita padrão. Assim, teremos como consequência a interação de ecossistemas linguísticos as variações de uma língua, que pertence a um povo e a um território, mas que devido a migrações, relações comerciais, convivência em territórios de fronteiras, entre outros, há o contato de uma língua com a outra, favorecendo, com isso, o surgimento do pidgin, do crioulo e até mesmo de uma nova língua, que tem características das línguas que estão em contato. Além disso, temos as chamadas “ilhas linguísticas”, que se formam em uma comunidade isolada, com uma língua diferindo da língua do entorno, considerada padrão naquele território, formando uma EFL dentro de outra EFL, como por exemplo, temos no Brasil, as colônias japonesas e italianas. Portanto, também abordaremos um pouco das ecologias linguísticas complexas no Brasil, que é um país rico em diversidade linguística, onde ocorrem interações entre as línguas indígenas, europeias, africanas, asiáticas entre outras, sendo isto uma das causas que influenciaram nos diferentes dialetos que temos hoje no território brasileiro. E segundo Weinreich (1945, apud Couto 2007), a língua padrão também é um dialeto, e essa se diferencia por conter mais falantes e ser imposta a um povo, com isso, a língua se torna um “dialeto padrão”, ou seja, a língua padrão, isso ocorre porque devido a variação linguística, tem-se a necessidade de impor uma língua que unifique a nação, daí surge a língua nacional, o padrão. Também, veremos como a EFL é estabelecida nas linguagens especiais, que surgem para suprir uma necessidade de comunicação entre grupos específicos, surgindo os jargões e gírias, que se derivam em gírias criptológicas, gírias comuns, jargões profissionais, estudantis, entre outros. Contudo, sendo a língua aparentemente única e pura, podemos reforçar, então, com este trabalho, que ela se constitui por outras línguas, além desta também ser base para outras variedades linguísticas. Ou seja, esse assunto é importante do ponto de vista ecolinguístico, por tratar da questão da



diversidade, que é fundamental para constituir um ecossistema em equilíbrio, o que nos leva as ecologias linguísticas complexas, que incorpora as diversidades linguísticas e suas interseções.

**Palavras-chave:** Interação linguística; Diversidade linguística; Língua padrão.

\* \* \* \* \*

### **REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO AMBIENTE ECOLINGÜÍSTICO: O CASO BRASIL/ VENEZUELA**, de Maria Ivone Alves da Silva – UFRJ/SECD-RR

A configuração das regiões fronteiriças no Continente Americano surge a partir das necessidades europeias por novos produtos e matérias primas. Remontando o passado histórico, verifica-se existir uma demanda real pela realização de estudos e pesquisas voltadas para a compreensão do ambiente linguístico caracterizando os contatos de povos nos aspectos que envolvem a língua em relação ao ambiente natural e sócio-histórico, como no caso da fronteira Brasil/Venezuela. Uma das preocupações pertinentes que se impõe à reflexão neste trabalho é se a situação de contato linguístico influi na conformação de um ambiente de fronteira Brasil/Venezuela determinando uma relação de proximidade, cuja intensidade é condicionada pelos vínculos relacionais que se estabelecem entre os povos. A par disto, esta pesquisa tem como objetivo caracterizar a situação de contato de povos no ecossistema linguístico Brasil/Venezuela, por meio do reconhecimento da natureza dos fatores que influenciam no resultado das situações de contato, fundamentando-se nos elementos da Ecolinguística, em conformidade com Couto (2007, 2009), principalmente. Os sujeitos são quatro “moradores da fronteira” Pacaraima/Santa Elena de Uairén. Considerando-se que as representações discursivas estão repletas de enunciados que podem expressar os mais variados tipos de sentimentos, e partindo-se do princípio de que o discurso do sujeito traz consigo fragmentos dessa realidade, é possível a visualização dos diversos níveis de interação que ocorrem entre os sujeitos constituídos nessa fronteira. É possível afirmar que se constitui, um único ecossistema que se influenciam mutuamente e se atendem de forma recíproca, se comunicando através das línguas características do lugar e que, por princípio poderia ser denominado de ecossistema linguístico “**provisional**”.

**Palavras chave:** Ecolinguística. Fronteira Brasil/Venezuela. Discurso.

\* \* \* \* \*

### **Una visión holística de la Naturalezacultura: el cosmoteandrismo en los glifos de las ciudades prehispánicas de habla nahuatl**, de Francesca Zunino – Università di Modena e Reggio Emilia, Itália.

En el marco de los estudios integrados de Ecolingüística, así como en el discurso general de la sociedad global, las cuestiones acerca de la superación de la falsa dicotomía entre los dos conceptos aparentemente opuestos de “Naturaleza” y “Cultura” (Bang & Døør, 1993) representan el núcleo central y más urgente. Para eclipsar esta separación, la más perjudicial para el antropo-ecosistema entre las contradicciones básicas de nuestra praxis social (Ibid.), nuestra perspectiva cognitiva, discursiva y activa necesita de un cambio radical, involucrando el uso de nuevas palabras y referencias que ilustren holísticamente la interrelación consustancial entre el ser “humano” y el ser “natural” -es decir, de todo el ser del planeta-, como por ejemplo el neologismo de “Naturalezacultura” (Latour, 1998, pp. 18-21; Döring, 2003, p. 198). Este análisis pretende aplicar la perspectiva triádica del cosmoteandrismo (Panikkar, 1994) – la integración ecosófica entre lo cósmico, lo humano y lo divino en las percepciones de la realidad, del ser y del ser humano – a los estudios de Ecolingüística, investigando cómo la unión entre las dimensiones

antropológica, natural y teológica está representada en el discurso de las poblaciones de habla nahuatl del México prehispánico; específicamente, en la etnotoponimia (do Couto, 2007, pp. 250-259) y las representaciones visuales de los glifos que indican los nombres de las ciudades y localidades geográficas precolombinas.

La nueva construcción diacrónica de narraciones e identidades filosófica y ecolingüísticamente integradas, un nuevo “greenspeak” (Harré, Brockmeier y Mühlhäusler, 1999) o mejor dicho una nueva “habla ecológica” aplicable, alternativa y constructiva (siguiendo la clasificación de las cuatro macro-estrategias de construcción del discurso, van Leeuwen & Wodak, 1999), debe empezar también por la búsqueda y el uso de lenguajes e imagerías que se originen en visiones del mundo no eurocéntricas, y por ende, no perjudicadas por el dualismo destructor que caracteriza las lenguas Standard Average European (Whorf, 2000), exportadas y utilizadas desde la época colonial.

### Referencias

Bang, J.C., y Døør. C. (1993). *Eco-linguistics: a framework*. En AILA 93, pp. 31-40. Edición digital, [http://www.jcbang.dk/main/ecolinguistics/Ecoling\\_AFramework1993.pdf](http://www.jcbang.dk/main/ecolinguistics/Ecoling_AFramework1993.pdf)

Couto, H.H. (2007). *Ecolingüística. Estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasilia: Thesaurus.

Döring, M. (2003). The politics of nature. Constructing the German reunification during the great Odra flood 1997. *Environment and History*, 9, 195-214.

Harré R., Brockmeier J., y Mühlhäusler, P. (1999). *Greenspeak. A study of environmental discourse*. Londres yNew York: Sage International.

Latour, B. (1998). *Wir sind nie modern gewesen. Versuch einer symmetrischen Anthropologie*. Frankfurt am Main: Fischer.

Panikkar, R. (1994). *Ecosofía: para una espiritualidad de la tierra*. Madrid & San Pablo: D.L.

Van Leeuwen, T., y Wodak, R. (1999). Legitimizing immigration control: A discourse-historical analysis. *Discourse Studies*, 1(1):83-118.

Whorf, B. (2000). *Language, thought and reality: selected writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, MA: MIT Press.

\* \* \* \* \*

### **O meio ambiente dos ciganos de Aparecida de Goiânia (GO) – UFG, de Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto – UFG**

O meio ambiente conhecido como *habitat*, biótopo e até território é o meio físico em que os membros da população vivem e convivem. É com ele que os organismos interagem. O meio ambiente na Ecolinguística é visto na relação povo, língua e mundo natural, mental e social. Ela estuda não só as relações entre língua e mundo natural, mas também as relações entre língua e mundo mental e língua e mundo social. Vale dizer, o meio ambiente aqui não é apenas tudo que está no contexto físico da língua, mas também o “mundo” mental e o social. A Ecolinguística, uma nova maneira de ver e estudar os fenômenos da linguagem, é, segundo Haugen (1972), o “estudo das interações entre língua e seu meio-ambiente”. Na relação língua-mundo social, ela estudará como se dá a interação social de uma determinada comunidade, seus costumes, sua língua, ou seja, a Ecolinguística verificará como se dá a interação social via linguagem. O que a diferencia das outras ciências é que como sempre ela parte dos conceitos da ecologia, tais como ecossistema, inter-relações, adaptação, holismo, porosidade etc. O objetivo desta comunicação é fazer um relato de minha experiência, uma pesquisa de campo que iniciei em 2010 e que continuo até hoje, com os ciganos Kalderash de Aparecida de Goiânia, destacando a sua relação

com o ambiente não só físico, mas também o social. Trata-se de um grupo seminômade, composto por mais ou menos 250 integrantes, que reside no município de Aparecida de Goiânia-Goiás. Esse grupo cigano de religião evangélica é bilíngue em português e romanês, dialeto do romani, língua universal dos ciganos. Veremos que a distribuição tópica das famílias em um único bairro facilita a interação. Aí se incluem visitas, frequência a festividades, à igreja (evangélica) etc. A tese que defendo é a de que é essa proximidade espacial que permite a manutenção da língua e dos usos e costumes ancestrais. É a convivência no meio ambiente natural que garante a sobrevivência pelo menos em parte do mental e do social, uma vez que são interdependentes, há um inter-relacionamento entre eles.

**Palavras-chave:** meio ambiente físico e social, Ecolinguística, ciganos kalderash

\* \* \* \* \*

**O que vem a ser Ecolinguística, afinal?**, de Hildo Honório do Couto – UnB

Segundo o “pai” da Ecolinguística, ela é o estudo das interações entre língua e meio ambiente. Para ele, tratava-se apenas do meio ambiente social. Posteriormente, constatou-se que, na verdade, a língua se relaciona a pelo menos mais dois meios ambientes, ou seja, o mental, como defendido por Chomsky e toda a tradição racionalista, e o natural, como se vê em algumas correntes da filosofia da linguagem, como no próprio Chomsky e no “primeiro” Wittgenstein. O objetivo principal desta comunicação é fazer um apanhado geral do que foi discutido nos dois dias do I ENCONTRO BRASILEIRO DE ECOLINGUÍSTICA, aproveitando a oportunidade para apresentar uma conceituação da disciplina, de suas principais tendências, bem como esclarecer alguns mal-entendidos que normalmente se ouve por aí sobre ela. Veremos que ela é na verdade um ponto de vista unificado (ecológico) a partir do qual se pode estudar qualquer aspecto do fenômeno linguagem, mesmo quando se usa a metodologia de uma outra disciplina, dedicada a questões específicas. O grupo de Brasília se dedica à vertente da Ecolinguística que passou a ser chamada de **Linguística Ecosistêmica**, levando até suas últimas consequências a definição original de Haugen. Outros ramos importantes de nossa disciplina são a Ecolinguística Crítica, a Linguística Ambiental, Análise do Discurso Ecocrítica, Ecolinguística Dialética etc. Enfim, para praticar Ecolinguística é preciso outra postura frente ao mundo, como na Teoria do Caos, na Teoria das Redes e, sobretudo, na Ecologia.

\* \* \* \* \*

**Ethos no Discurso Ambiental na Escola**, de Lúcia de Fátima Pereira de Oliveira (UERR):luciafatimarr@hotmail.com

A questão ambiental, entendida no sentido amplo, implica relações entre o homem e a natureza. Seu estudo integra e açambarca um leque de diferentes disciplinas como o Português, ecologia, biologia, geografia, história. O meio ambiente como tema transversal trabalha conceitos e explicita valores através dos quais se vislumbram a realidade cotidiana da sociedade, cujos resultados tangenciam para formar uma sociedade mais crítica e participativa e voltada para o aprimoramento da sociedade. Assim levando em conta as orientações constantes na linha de ação de nº 4 da educação formal, parte do Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA, e os Parâmetros Curriculares Nacional – PCN, que diz que “a escola deverá oferecer meios ativos para que cada aluno compreenda os fenômenos naturais”, tendo a língua como instrumento importante para contribuição destas questões e: Conforme Charaudeau, “é a língua que permite ao homem pensar e agir. A linguagem para vida do homem tem um papel essencial para

consolidar a inteiração do sujeito para outro sujeito, é ela que desdobra e constrói o próprio fundamento do meio ambiental social, o mental da língua, compreendida como ecolinguística que possibilitará a identificação do tipo de Ethos discursivo construído. Como escreveu Auchlin. A noção de ethos é uma noção com interesse essencialmente prático, e não um conceito teórico prático (...). Assim esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a dinâmica do desenvolvimento do Ethos discursivo ambiental na Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade, verificar o texto transcrito de gênero entrevista, considerando o tipo de Ethos discursivo construído e constatar que tipo de Ethos produzido a partir do texto na argumentação do discurso produzido na fala- em- interação dentro de uma escola pública com turmas do ensino fundamental II, poderá ajudar a refletir e esclarecer questões que tangenciam o processo da aprendizagem com competências e habilidades humanística, levando em conta o ensino e aprendizagem no meio ambiente escolar: A pesquisa de cunho descritivo foi estruturada considerando o método qualitativo e análise bibliográfica, tendo como elemento de pesquisa a interação em uma escola Estadual da cidade de Boa Vista – Roraima, tendo como objeto de base para análise um vídeo com entrevistas de alunos sobre a temática meio ambiente, será analisada somente a fala de uma das alunas entrevistada constante no referido vídeo. (faz parte de um projeto de Conservação do Ambiente Escolar, desenvolvido pela autora, envolvendo turmas do ensino fundamental II na EECDA no ano letivo de 2011). Para atingir os objetos dessa pesquisa utilizou-se diversos autores, dentre eles, os principais: Hildo Honório do Couto (2009), Patrick Charaudeau (2010), Dominique Maingueneau (2008). Além disso o ProNEA e os PCNs. A pesquisa revelou que o Ethos produzido pelo discurso da aluna, segundo o que diz os documentos educacionais oficiais e autores, construiu o Tipo de Ethos discursivo ambiental.

**Palavras-chave:** Educação. Ecolinguística. Ethos. Meio Ambiente.

\* \* \* \* \*

**Diversidade ecológica e linguística refletida no léxico de comunidades tradicionais,** de Gilberto Paulino de Araújo (UnB): gilberto@equipetrilhar.com.br

A perda da biodiversidade é um fenômeno bem conhecido. Durante os próximos trinta anos, de acordo com projeções, mais de 20% das espécies existentes no mundo pode deixar de existir. Menos amplamente conhecida, apesar de atrair uma atenção crescente, é a perda que está afetando a diversidade do mundo das línguas e culturas. Até 11% de um número estimado de 6 mil línguas faladas hoje no mundo são quase extintas, e 90% dessas línguas podem desaparecer ao longo deste século (MAFFI, 1996). Isso tem despertado o interesse de inúmeros investigadores e direcionado pesquisas para o estudo dos processos globais socioeconômicos e ecológicos e seus efeitos sobre os grupos humanos. Assim, os conhecimentos tradicionais sobre as espécies biológicas e ambientes do mundo encontram-se tão ameaçados quanto as línguas que compõem, juntamente com esses outros fatores, a diversidade linguística e cultural em todo o mundo. Cabe, ainda, destacar que uma parcela considerável dos nomes dados aos lugares, aos animais, às plantas pode evidenciar a relação mantida entre a língua, a cultura e a forma de lidar com o meio ambiente de uma dada comunidade. Essas informações transmitidas, geralmente, de maneira informal, de geração em geração, oferecem dados a serem examinados como fonte de conhecimento linguístico. Nesse sentido, o objetivo do trabalho é dissertar a respeito do processo linguístico que ocorre em todo o inter-relacionamento das comunidades tradicionais com o seu meio ambiente, nas possíveis transformações ocasionadas à língua, resultantes dessa interação.

**Palavras-chave:** Diversidade. Léxico. Ecolinguística.

\* \* \* \* \*

**Comissão organizadora**

Hildo Honório do Couto (UnB) – hiho@unb.br

Gilberto Paulino de Araújo (UnB) – gilberto@equipetrilhar.com.br

Davi Borges de Albuquerque (UFS) – albuquerque00@hotmail.com

**Site original do I EBE:** <http://ecolinguistica.net.br/2012/07/>

Uma seleção de trabalhos está publicada em *Cadernos de linguagem e sociedade* v. 14, n. 1, 2013, disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/les/issue/view/833>